

# Sem competidor, Jader disputa a mais tensa sucessão do Senado

Ricardo Amaral

De Brasília

O Senado Federal está passando por uma situação inédita em sua história recente: pela primeira vez, em muitos anos, há apenas um candidato à presidência da mesa diretora, que será eleita na sessão de 1º de fevereiro do ano que vem, o líder do PMDB, senador Jader Barbalho (PA). Apesar disso, é a mais violenta e baixa campanha que os senadores já viram, por causa da oposição pessoal que o atual presidente, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), faz aos planos de Jader. Eles trocam golpes de força há pelo menos um ano e, a partir de abril, passaram a trocar denúncias mútuas e ofensas públicas. "Até fevereiro, a situação só tende a piorar", apostou Jader.

O resultado dessa eleição é decisivo para os dois políticos e para seus partidos. Não é apenas a presidência do Senado que está em jogo, mas também um lugar privilegiado no comando da campanha oficial pela sucessão de Fernando Henrique Cardoso. Eleito, Jader e seu partido terão o peso político ampliado na aliança governista. Na primeira campanha de FHC, em 1994, apenas a seção gaúcha do PMDB participou e foi contemplada com dois ministérios (Justiça e Transportes). Na reeleição, em 1998, o partido chegou atrasado e dividido, com peso menor que o do PFL.

Nos últimos dois anos, depois de assumir a presidência do partido, Jader Barbalho conseguiu unificar o comando e a maioria expressiva das bases do PMDB. Os dissidentes mais expressivos, como o governador Itamar Franco e o ex-deputado Paes de Andrade, deixaram a legenda ou foram neutralizados. Mesmo os chamados independentes, como os senadores Pedro Simon (RS) e Roberto Requião (PR), aceitam a liderança de Jader. Resta uma dezena de deputados à esquerda,



LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM

ACM e Jader trocam acusações e ofensas: em jogo, um lugar no comando da campanha presidencial de 2002

que formam uma dissidência organizada, de oposição ao governo, mas sem força no partido.

Mas há o reverso da medalha: se por algum motivo não conseguir a cadeira de ACM, Jader Barbalho será um senador em final de mandato e com sérias dificuldades políticas no seu Estado, onde o governador Almir Gabriel (PSDB) e a oposição de esquerda ocuparam quase todos os espaços. É um jogo de vida ou morte também para ACM, que terá de voltar à planície, sem nenhum cargo que o credencie ao jogo político mais alto, a não ser sua própria capacidade de articulação. A presidência do PFL está ocupada por Jorge Bornhausen (SC) pelos próximos três anos e a liderança do partido pertence ao grupo do vice-presidente Marco Maciel.

ACM diz que sua oposição a Ja-

der não é pessoal: "O que eu desejado é o melhor para o Senado". Seus objetivos políticos, no entanto, são claros: evitar a entrada de um parceiro forte no comando da sucessão e encontrar um sucessor que lhe mantenha abertos os canais com o poder. O regimento interno do Senado diz que o cargo de presidente pertence à maior bancada. Por isso, ACM foi buscar o único nome do PMDB com quem poderia manter relações em seu nível de interesse: o senador José Sarney (AP).

O problema é que Sarney teria que disputar com Jader a indicação da bancada. Ele não diz que é candidato, mas também não diz que não é, o que mantém acesas as esperanças de ACM. Mas tanto os projetos políticos quanto as inclinações pessoais do ex-presidente da República indicam que Sarney não coçará

um fio de bigode para chegar lá. A candidatura teria de cair-lhe no colo por um acidente qualquer (uma intervenção do Planalto ou um escândalo que inviabilizasse a candidatura Jader, por exemplo). O Planalto não vai intervir numa briga que não é de FHC e, como ACM já divulgou, sem nenhum efeito, um biblioteca de denúncias contra Jader, é difícil que algo nesse campo sensibilize os senadores.

Com seis anos de mandato pela frente, o projeto político de Sarney é o sucesso da filha Roseana. Bornhausen e Maciel apostam que a governadora pode ser um dos nomes da aliança para a sucessão, desde que sejam mantidas boas relações com o PMDB. "Não vou fazer nada que a atrapalhe", disse o ex-presidente a um amigo. Não fará mesmo.